



C. M. B.
BIBLIOTECA

Director honorário: Mário Campos Henriques

Director e Administrador: António Baptista

Redactor: Joaquim Rodrigues

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e impresso: Tipografia «Vitória» — Barcelos

Propriedade do: Clube Desportivo da «TEBE»

C.M.B.
Biblioteca

ANGOLA

A Pátria Portuguesa atravessa uma das suas crises mais graves. É um momento angustioso que todos vivemos, revoltados e estupefactos ante a atitude de nações civilizadas, firmes e seguros ante as investidas dos bandos selvagens de bandoleiros.

Que mais nos magoou? A injustiça das povos com responsabilidades ou a ingratidão das raças dos negros que não assimilaram ainda os mais elementares principios da civilização cristã?

Subverter povos pacíficos, arrastá-los a uma guerra cruel bem sabem os inimigos da ordem que não é tarefa difícil. Despertar ódios, lançar na confusão tribus de homens simples e ignorantes, destruir, cidades e aldeias, bárbaramente, inutilizar em horas o trabalho árduo de séculos é ainda pouco custoso de conseguir depois que se perderam as mais rudimentares noções de respeito pelos direitos dos homens e se deprezam as ideias das almas que sabem erguer os olhos ao Céu.

É já longa a história de Portugal e as mais belas páginas deste livro sagrado narram mais sacrificios serenos que golpes teatrais e fáceis. Foram longas as horas de tragédia e efémeros os momentos de esplendor mas nunca um desfalecimento ou desânimo nos fizeram curvar ante os inimigos. Ainda que, subjugados, como em 1580, sempre se manteve o espírito português ativo e rebelde ante a injustiça de desastrosos erros políticos.

Uma nação não pode estar sujeita às ambições dos povos que pretendem a supremacia ideológica, económica ou militar.

Um povo que construiu um Império, que, pelo mundo, distribuiu generosamente as virtudes da sua raça, os primores do seu engenho, que recebeu influências estranhas e se prendeu a terras novas e climas diversos, mas, sob céus desconhecidos, continuou a viver na mesma Fé e no mesmo Amor à Pátria, que longe conservou o culto dos seus antepassados, não pode esmorecer ante as investidas dum mundo novo que aprendeu a pensar com filósofos materialistas que pouco mais deixaram à humanidade que tratados de dúvidas e incertezas!...

Em Angola não há uma consciência nacional que reivindique independência, nem sequer um sentimento

(Continua na página 6)

ANGOLA

TERRA PORTUGUESA

(INÉDITO)

*Neste momento heróico, tão cheio de beleza,
A voz de Portugal é pura e é liberta...
Angola será nossa, a alma está àlerta
E o braço preparado p'ra actos de grandeza.*

*Venham forças estranhas, venha a força do mal,
Palhaços da ONU, fantasmas da traição,
Seremos como ontem... a alma da Nação,
Pois nunca venderemos o nosso Portugal.*

*Angola terra fértil, regada de suor
Por tantos portugueses, que ali foram tombar,
Mantém ainda vivo um sangue a latejar
Na alma deste povo que luta com amor.*

*E luta até ao fim, na luz dum ideal,
E creê nessa missão por ser a verdadeira.
Que importa morrer já, vivendo a vida inteira?
Se erguemos p'ró futuro Angola e Portugal!*

António Baptista

Barcelos, Junho/1961.

Os pensamentos do mês

O patriotismo, para ser verdadeiramente uma virtude moral, é necessário que seja orientado pelo sentimento da pátria e pelo da humanidade. — J. Barni.

A devoção pela pátria é a primeira das virtudes.

Napoleão I

Ninguém ama a pátria porque é grande, mas porque é sua.

Sêneca

O homem não é infeliz, enquanto não é injusto.

Demócrito

BARCELOS

BARCELOS — a mais linda da terra entre as mais lindas terras de Portugal — pode sentir-se orgulhosa porque a par das belezas com que a natureza a dotou, possui belos e florescentes empreendimentos, mercê das qualidades de iniciativa e esforço árduo de seus filhos.

Diz-se, muitas vezes, num comentário rotineiro e injusto, que, em Barcelos, nada se faz. É ainda que uma boa intenção dite esta crítica ela não é verdadeiramente justa. Embora o desenvolvimento económico e urbanístico, não atinja o ritmo alcançado em outros meios, tem-se verificado, contudo, grande progresso em empreendimentos industriais, alguns de projecção nacional, tal é o vulto das suas realizações.

Barcelos é realmente um dos recantos mais belos de Portugal, mas é necessário que os seus filhos, por mais deslumbrados que se sintam com as suas paisagens encantadoras, tenham olhos, também, para as florescentes indústrias da sua terra, que representam um alto valor na economia nacional.

Essas indústrias são por vezes o seu melhor cartaz de propaganda e são o esteio mais forte e seguro do desenvolvimento e estabilidade económica do meio local.

A indústria honra a terra em que se desenvolve porque através dela o seu nome corre mundo, mas não só a honra

como a serve porque centenas e centenas de operários têm onde empregar e valorizar a sua actividade.

Que seria da maior parte das famílias do aglomerado citadino sem as indústrias locais?

Temos de verificar e concordar que hoje em Barcelos as classes trabalhadoras têm ou podem ter um nível de vida que, há bem poucos anos, era apenas privilégio das classes médias.

É justo pois que todos os barcelenses sintam orgulho no progresso industrial da sua terra e olhem com gratidão aqueles homens que em benefício do progresso desta pacata e bucólica terra minhota, puseram as suas altas qualidades de trabalho, o seu espírito de iniciativa, a sua inteligência, a sua vontade firme de aguentar e vencer revezes. Raramente, por muito grandes que sejam, os lucros materiais recompensam os abalos psíquicos daqueles que assumem a orientação de tamanhas responsabilidades.

Desejávamos que, pelo menos, houvesse a educação cívica necessária para reconhecer o que representa, material e socialmente, numa terra, o desenvolvimento de grandes empresas industriais.

Não sejamos injustos dizendo alguma vez mais que Barcelos não progride ou que a cidade se quedou em êxtase ante a paisagem serena e bela deste recanto minhoto.

Barcelos no passado e no presente

FRAGMENTOS

LENDA DO PASSARINHO

Nos primeiros tempos da fundação do convento de Vilar, houve muitos frades santos, bem ao contrário do que sucedeu nos últimos.

Um deles andava um dia tão encantado em pensamentos do Céu, que se deixou guiar pelo canto delicioso de uma ave que o foi chamando para a cerca do convento onde a esteve ouvindo durante um bom pedaço.

Mas, oh espanto! Oh maravilha! O bom do nosso frade, ao voltar ao convento, nada reconheceu do que estava à roda de si, nem a casa, nem os seus irmãos.

Pelas tradições correntes no convento, veio a verificar-se que este era um frade que dali tinha saído havia trezentos anos.

Do livro de A. Gomes Pereira, «tradições populares de Barcelos» pág. 115.

A camisola 55 **TEBE**, plena de beleza, é inconfundível. Foi estudada para servir em todas as latitudes. 55!!! a CAMISOLA.

Posse dos Dirigentes da Federação das Casas do Povo do Distrito de Braga

REALIZOU-SE no gabinete do Delegado do I. N. T. P., neste Distrito, a posse dos dirigentes da Federação das Casas do Povo que haviam sido eleitos na reunião do Conselho Geral que se realizou em 2 de Maio passado e cuja eleição foi sancionada, por despacho Ministerial de 14 de Junho findo.

Ao acto que teve a presença do Snr. Dr. Mário Pinho, Assistente da Junta Central das Casas do Povo, de vários dirigentes e empregados dos mesmos Organismos e ainda dos funcionários da Delegação do I. N. T. P., presidiu o Subdelegado Snr. Dr. Nuno de Bettencourt que exerce funções de Delegado.

Foram primeiramente empossados os dirigentes do Conselho da Federação, Snrs. Professor Manuel Cardoso, João Baptista Leite de Faria e António Máximo de Sá Costa Reis respectivamente, Presidente, 1.º e 2.º Secretários.

Assinado o respectivo Auto que foi lido pelo Snr. Jorge Dias de Araújo, funcionário da Delegação do I. N. T. P., tomaram posse que lhes foi conferida pelo Snr. Presidente do Conselho da Federação, os Snrs. Engenheiro José Pinto de Oliveira, Dr. Aristides Marques Vilela e António Gonçalves de Brito, respectivamente, dos Cargos de Presidente, Secretário e Tesoureiro da Direcção deste Organismo intermédio da Organização Corporativa.

Usaram depois da palavra os Snrs. Dr. Nuno Bettencourt, Eng.º Pinto de Oliveira e professor Manuel Cardoso.

O primeiro orador saudou os Dirigentes empossados, fez o seu elogio e prometeu todo o auxílio e colaboração dos Serviços da Delegação, tendo terminado por exprimir a sua fé nas realizações da Federação sob o patrocínio do Snr. Ministro das Corporações de quem fez um notável elogio.

O Sr. Eng.º José Pinto de Oliveira agradeceu a confiança que fora depositada nele e nos seus colegas da Direcção, referiu-se também ao Senhor Ministro e prometeu que todos fariam o máximo por tornar a Federação uma realidade séria e operante que se prestigie e imponha a regime em que se integram.

Finalmente o Snr. Presidente do Conselho da Federação — homem da primeira hora na Organização Corporativa — congratulou-se com este acto, historiou a criação das Casas do Povo no Distrito e lembrou o Snr. Dr. Henrique Cabral que foi o impulsionador dessa obra e recordou também para a exaltar, a acção do último Delegado do I. N. T. P., Dr. Frutuoso de Melo, a quem foi enviado um telegrama.

Saudou depois a todos em nome da Corporação da Lavoura de que é Vice-Presidente e de quem — disse — trazia uma mensagem especial: de esperança no trabalho da Federação, de certeza na boa vontade e espírito de servir todos os dirigentes, de promessa de toda a colaboração e auxílio por parte daquele Orgão superior do Corporativismo. A terminar definiu algumas directrizes dentro das quais, em seu entender, a acção da Federação se deverá processar.

Todos os oradores foram muito aplaudidos.

A Primeira Reunião dos Dirigentes da Federação

Imediatamente a seguir ao acto da posse, realizou-se a primeira reunião dos dirigentes da Federação.

Foi presente o Orçamento Ordinário para o ano corrente já aprovado na reunião do Conselho da Federação que teve lugar no pretérito dia 2 de Maio e foi estudado o programa de actividades que vai ser, submetido à apreciação de Sua Ex.ª o Snr. Ministro das Corporações que lhe será apresentado no decurso duma audiência já marcada para a próxima sexta-feira.

Esse programa compreende uma acção esclarecedora sobre as Casas do Povo e orientadora dos mesmos Organismos a realizar por meio de reuniões públicas, publicações, encontros com dirigentes e cursos para empregados.

Obedecendo ao preceituado nos Estatutos a Federação diligenciará também por levar a todas as freguesias ainda não abrangidas pelas Casas do Povo, os benefícios destes Organismos, para o que se promoverá a criação de novas Casas do Povo ou consideram seus sócios efectivos e contribuintes os trabalhadores rurais e proprietários das localidades onde não for possível criá-las.

(Continua na página 5)



Uma das importantes secções da Fábrica TEBE

Não era de esperar outra coisa!

É orgulhosamente que neste Boletim fazemos referência ao facto de o nosso pessoal, num movimento que o dignifica e eleva, ter resolvido contribuir com a importância equivalente a um dia de salário para minorar as dificuldades dos seus irmãos de Angola.

Dinheiro de pobres, dinheiro de sofrimento, dinheiro de lágrimas, para acudir a pobres, para aliviar angústias e para enxugar prantos!

Esta é a verdadeira doutrina; a da solidariedade na Dor e que deve ser enaltecida por ter surgido da gente simples da nossa terra, num movimento espontâneo de Caridade e Patriotismo.

Com gente possuidora de tão elevados sentimentos não pode-

conservação, previamente, de um emprego. Isto significa que, graças também a uma incomum rapidez da parte do governo, cada requerimento é resolvido em aproximadamente três meses, ou melhor, em menos de dois meses, pois sabe-se o quanto a ansiedade e a impaciência podem afectar seriamente uma pessoa incapacitada, em uma época em que esta já se sente bastante deprimida.

Em resumo, os holandeses parecem ter muito a recomendar aos outros países.

mos temer, e não tememos, que a nacionalidade se afunde nos tremedais do comunismo internacional, antes ficamos com a certeza que Portugal, será para todo o sempre: PORTUGAL!

B. G.

A camisola de algodão TEBE marcha na vanguarda

A posse dos Dirigentes da Federação das Casas do Povo do Distrito de Braga

(Continuação da página 2)

Projecta-se também a realização já no próximo ano, de uma colónia de férias para os filhos de trabalhadores rurais prevenindo-se que dela possam beneficiar 510 rapazes e 150 raparigas.

Finalmente ventilaram-se diversas hipóteses tendentes a contribuir para a solução do problema da valorização profissional dos rurais, tendo-se resolvido promover a realização de mais cursos complementares de aprendizagem agrícola e de cursos de podadores e estudar a possibilidade de criar um centro de preparação profissional para trabalhadores rurais e filhos de proprietários.

II Exposição Têxtil Internacional

A TEBE, num empreendimento actuate, concorreu com seus artigos à II Exposição Têxtil Internacional.

Este acontecimento marcou e marcará uma nova etapa do grande desenvolvimento da indústria de malhas em Portugal e no mundo.

Porém, o mostruário da Tebe, traduziu, duma maneira inconfundível, a alta classe dos seus múltiplos e sempre apreciados artigos.

Os conjuntos de seda e nylon para senhora e criança mostram bem da beleza e perfeição com que são ultimados.

Há, de facto, um requinte especial nos acabamentos de todos os artigos da TEBE.

Combinações, camisas de noite, enfim, todo um conjunto precioso, leve, belo, transparente, permanecerá para sempre nas retinas das mulheres de bom gosto.

Este certame mostra também o caminho andado e traduz a rápida ascensão das tão conhecidas malhas TEBE.

A história da Tebe, da sua vida, a razão da sua permanência, é a resultante duma série de longos estudos, denodados esforços e, acima de tudo do interesse manifesto de *bem servir para servir sempre*, que o mesmo é dizer para elevar Portugal.

Por estas razões e porque a TEBE continuará a fabricar mais e melhor, poderemos afirmar, sem reservas, que fabricará sempre.

ROSAS

Iniciamos hoje a publicação da primorosa conferência que o Sr. Dr. Aires Duarte proferiu, há tempos, na Assembleia Barcelense:

«As pessoas que se entretêm com problemas de palavras cruzadas sabem que «mulher formosa», «nome de mulher», «flor», «rainha das flores» são conceitos vulgarmente usados para significar a palavra *rosa*.

E será, realmente, a rosa rainha das flores? Afigura-se-me que não. Na verdade, afirmar que o leão é o rei dos animais, o oiro o rei dos metais, e o homem rei da criação, é exprimir a ideia dum domínio incontestado e incontestável ou, pelo menos, duma supremacia evidente. E não é esse o caso da rosa em relação às demais flores.

A realeza do leão vem dos tempos imperiais em que os animais falavam. Quando o leão rugia na selva indómita e inexplorada, a majestade da sua voz calava toda a floresta, e o silêncio que se estabelecia, impressionante, dava ainda mais autoridade e ressonância aos rugidos do leão.

Era ouvido como verdadeiro rei absoluto. Nenhum guincho de macaco, uivo de chacal ou latido de rafeiro ousava levantar-se contra ele. E se, por excepção, alguma galinha cacarejava irreverentemente, é que ouvira o rugido real no instante crítico da postura e, nessa época, ainda não havia códigos de posturas.

Afora este tributo de silêncio, que exigia inexoravelmente, o leão era magnânimo com o seu povo. Só o atacava quando tinha fome. Também dos verdadeiros soberanos a História nos diz que só reclamavam o suor das gentes, lançando dzimas e impostos, quando tinham necessidade de fundos. Fora dessas ocasiões de aperto, ambos se mostravam desinteressados e generosos: o leão, passeando entre súbditos e vassallos sem comer nenhum; o rei, fazendo titulares ou assistindo complacente aos folguedos do povo e à representação, na corte, de autos escritos por plebeus inteligentes.

Mas os tempos foram correndo, os animais perderam o segredo da fala, e o último representante da gloriosa dinastia, na paz podre do seu reinado, chegou a velho. Já não rugia que se ouvisse, já não assustava fracos nem fortes, e até o burro se atreveu a desdenhar do prestígio real. Ainda nisso o leão foi rei.

(Continua)

As camisolas de algodão TEBE levam à frente a camisola amarela.

ANGOLA

(Continuação da página 1)

colectivo da necessidade duma libertação política, pois de modo algum essas raças heterogéneas se sentem subjogadas por um povo diferente nas suas crenças, nos seus costumes, na sua língua. A civilização portuguesa cativou-os e para ela têm corrido livremente os filhos dessas tribus primitivas que há cinco séculos encontramos dispersas por entre florestas densas.

A terra rica e fértil de Angola foi desbravada pelos nossos colonos, heróis obscuros e sacrificados duma ocupação pacífica e desinteressada. Os portugueses não foram arrebatados riquezas, foram rasgar com o arado essa terra prometedor, ergueram aldeias, vilas e cidades, embrenharam-se no mato e fizeram surgir fazendas prósperas. Não levaram nem despertaram ódio nos negros; deram-lhe caridosamente os ideais duma vida cristã, trouxeram-nos fraternalmente ao seio duma civilização que os deslumbrou e engrandeceu. Ergueram-nos da sua condição de povos selvagens e primitivos ao convívio das nações civilizadas, reconheceram-lhes direitos de homens livres e aceitaram-nos como camaradas de trabalho, quer no campo, na oficina ou nos estabelecimentos de ensino.

Se nos recuados séc. XV e XVI os primeiros negros foram trazidos violentamente para a metrópole, ainda mesmo assim, era com o alto intuito de os fazer admirar e amar a religião cristã para nela morrerem santamente e redemidos pela graça do baptismo cristão. No decorrer dos séculos houve abusos? Talvez! Mas eram consequência lógica dum modo de sentir e pensar próprio duns costumes violentos que caracterizaram certas épocas da vida da humanidade.

Porque nos acusam então? Porque se erguem, contra este Portugal generoso, catanas assassinas?

O ideal de independência não surge entre bandos de homens selvagens, cruéis e de instintos desenfreados quais feras enraivecidas, esse ideal surge entre homens cultos de inteligência lúcida e esclarecida, capazes de impor e reivindicar direitos porque sabem cumprir deveres.

Agem esses bandoleiros, agitados por falsas promessas, como instrumentos inconscientes da louca ambição dos povos que ambicionam o domínio do mundo, que pretendem substituir a Religião pela técnica, o valor individual pelo interesse da colectividade, o Ideal do homem livre pelo programa do homem escravo.

Podem orgulhar-se da sua obra os inimigos da austeridade da política portuguesa! Podem sentir-se desvanecidos os piedosos instigadores e colaboradores do ódio racial que agita em convulsões trágicas o norte da nossa província de Angola. Centenas ou milhares, talvez, de vítimas barbaramente despedaçadas, fazendas saqueadas, pontes destruídas, aldeias desertas, ricas culturas arrasadas, dias de luta, noites de desassossego, vidas jovens destroçadas, corações enegrecidos pelo luto, órfãs, mulheres e velhos desamparados, cidades inquietas e vigilantes tal é, a traços largos, a tragédia dum pedaço da terra portuguesa.

Querem liberdade os homens que matam inocentes, querem independência os que se escravizaram ao jugo do comunismo internacional... E o mundo escuta e apoia as vozes que se erguem a defender crimes monstruosos e não chora as crianças que foram esquarteradas para «acepipes», desses monstros que, no entender da maioria das nações, atingiram uma maioridade psíquica capaz de se autodeterminarem.

Não, Portugal não pode consentir que um passado heróico e grandioso de colonização seja espezinhado por monstros enlouquecidos, irresponsáveis e inconscientes.

Portugal, num coro unísono, tem de entoar as estrofes altivas do hino nacional:

*A's armas, às armas
sobre a terra sobre o mar
Contra os canhões
Marchar! marchar.*

Angola, terra portuguesa, precisa do teu esforço, não podes esquecer-la. Hoje mais do que ontem e amanhã mais do que hoje.

Carta aberta aos operários da TEBE, a quem o dever de servir a Pátria chamou para Angola

Camaradas e Amigos:

Se é com magoada saudade que vos recordamos é também com orgulho que pronunciamos os vossos nomes. Longe de todos os que vos são queridos mal afeitos ainda aos rigores das campanhas militares sois o símbolo de Portugal que se não deixa vencer nem sequer amedrontar.

Ainda ontem ereis os companheiros alegres e despreocupados quase desprevenidos para as exigências dos sacrifícios que hoje vos impuseram os inimigos da nossa Pátria; ainda ontem vos debruçáveis serenos e seguros sobre o vosso labor quotidiano e já hoje vos embrenhais inquietos e atentos pelo emaranhado da selva traçoira; ainda ontem podíeis tranquilamente espriar os vossos olhos pelos campos verdejantes do nosso Minho, escutar de madrugada o chilreio da passarada, olhar enternecidos as noites enluaradas e já hoje prescruais ansiosamente o capim encobridor de emboscadas, arrastai-vos silenciosos e ágeis por caminhos traiçoeiros receando mais os homens que as feras; ainda ontem abristes os braços para a vida e já hoje enclavinhais as mãos no gatilho das armas na ânsia de aniquilar os inimigos astutos que vos arrancaram ao lar, à terra, ao trabalho.

Soldados de Portugal, estamos convosco em todos os momentos de luta ou de merecido repouso.

Não estamos na rectaguarda comodamente repousados e esquecidos dos que aí arriscam a todo o momento a vida para salvaguardar a integridade da nossa querida Pátria.

Com o nosso esforço temos de suprir os lugares vagos e impedir que se prejudique o ritmo de trabalho necessário à manutenção da economia nacional. O momento não consente egoísmos ou descuidos. Cada um no seu posto mas firme e de ânimo inquebrantável é o que a Pátria nos exige e é o dever de todo o homem digno. Uns na frente de batalha outros nas fileiras longínquas do fragor da guerra, mas todos de alma erguida e braços rijos para lutar e vencer.

Amigos e Camaradas, para vós as saudações dos companheiros de trabalho que vos abraçam fraternalmente.

Operários da Tebe

Auxílio às vítimas de Angola

UMA onda de solidariedade humanitária e patriótica tem agitado todo o mundo português. Todas as terras têm acudido generosamente ao apelo da Cruz Vermelha, enviando donativos para as vítimas do terrorismo em Angola.

E o pessoal da TEBE esquecido ou descuidado não se levantou ainda para acompanhar este movimento com um gesto de rasgado altruísmo como será de esperar duma empresa onde o pessoal atinje tão elevado número.

É preciso despertar desse comodismo e lançar para longe os olhares que aqui contemplam

paisagens tranquilas. Lá longe há fome, desamparo, doença, desconforto, miséria, sobresalto.

Sactificai pois alguns divertimentos ou prazeres e cumprireis não uma caridade mas um dever.

As mãos alquebradas que receberem as vossas dádivas hão-de erguer-se ao Céu pedindo bênçãos de Deus para quem se ampara e conforta.

Todos unidos, ajudemos os que para nós estendem suplicantes os olhos amargurados. Ajudemos a enxugar-lhe as lágrimas.

Todos podemos se quisermos e todos temos o dever de querer

Ajudar os que lutam em Angola é contribuir para continuar Portugal.

Os verdadeiros portugueses estão todos irmãos na ideia da perpetuidade de Angola que o mesmo é dizer de Portugal.